O FASCISMO ESPARTANO

Alaor Chaves

Esparta, cidade-estado (*polis*) localizada na Lacônia, sudeste do Peloponeso, foi fundada após a invasão e dominação do local, no século X a. C., pelos **dóricos**, uma das quatro etnias que compunham os helenos. Os dóricos são oriundos da Macedônia. Esparta atingiu seu apogeu no período 650 – 500 a. C. A cultura espartana diferiu muito nitidamente da encontrada nas outras *polis* gregas e constitui a primeira e talvez a mais extremada sociedade fascista registrada na História.

Sua divisão social era inteiramente estratificada e rígida. No topo e comando de tudo estava o **espartano** (esparciata), dórico de origem e o único com direito à cidadania. Um esparciata devia ter pai e mãe esparciata. Abaixo dele ficavam os **periecos**, oriundos dos povos que ocupavam a região antes da invasão dórica. Eram livres, mas não cidadãos, e não tinham acesso à terra. Praticavam o comércio e o artesanato. Os periecos viviam nas áreas periféricas de Esparta e pagavam impostos ao governo. E ainda abaixo dos periecos, havia os **hilotas**, servos que cultivavam a terra. Esta era dividida em lotes iguais, cedida aos cidadãos e transferidas aos descendentes, sem subdivisão. Metade da colheita tinha de ser entregue ao cidadão que detivesse a posse da terra, embora os hilotas fossem obrigados a trabalhar impiedosamente. O posseiro podia ser uma mulher, caso entre os herdeiros não houvesse um cidadão.

O código de leis espartanas permaneceu muito estável nos seus princípios pétreos. **Licurgo,** personagem lendário, o teria recebido do deus Apolo. Esparta era governada por dois reis – **diarquia**, pertencentes a duas famílias que se declaravam descendentes de Hércules. As missões militares eram comandadas por um dos reis. A diarquia, além de permitir que Esparta tivesse um rei presente durante as incessantes guerras, é vista pelos comentaristas como meio de evitar o despotismo.

Ao atingir 30 anos o esparciata adquiria o status de cidadão e podia participar da Assembleia Popular – **Apela**, que se reunia mensalmente ao ar livre para votar matérias do governo, inclusive política externa As propostas a serem consideradas eram formuladas pela **Gerúsia**, colegiado formado por 28 cidadãos acima de 60 anos eleitos vitaliciamente pela Apela, além dos dois reis. As propostas da Gerúsia eram aprovadas ou desaprovadas pela Apela

sem discussões ou possibilidade de alterações. A Gerúsia era também o Tribunal Supremo do Estado.

As terras e os hilotas, que constituíam uns 80% da população, pertenciam ao Estado. Os espartanos eram inteiramente dedicados à guerra, e para melhor dominar essa arte recebiam educação especial oferecida pelo estado. Toda a educação espartana era estatal. Tanto meninos quanto meninas iniciavam essa educação aos 7 anos. Os meninos eram apartados de seus pais e internados na escola estatal, a **Agagê**. Sua educação se completava por volta dos 20 anos e aos 21 passavam a residir em quarteis militares. Até os 30 anos, idade em que se tornavam cidadãos, eram considerados pessoas inferiores. Praticavam uma carga extrema de esportes e treinamentos militares, que os tornavam muito ágeis e fortes. Usavam o ano todo, dia e noite, o mesmo tipo de vestes para se tornarem capazes de suportar as variações do tempo e da temperatura. Dormiam em uma cama de palha, sem nada para se cobrir. Recebiam pouca comida para aprender a suportar a fome. Eram encorajados a roubar para comer, mas se fossem pegos roubando eram punidos com chibatadas, pois um soldado espartano devia, entre outras coisas, ser esperto. Os castigos físicos, que incluíam as chibatadas, eram muito severos em Esparta. Os espartanos eram precariamente letrados e davam pouca importância à filosofia. Falavam pouco, e de forma sucinta; o termo **lacônico** vem de Lacônia. Eram doutrinados para venerar a **Pátria**, cuja defesa era seu ideal e seu papel central na vida. A retórica era dispensável e até mesmo perigosa em uma sociedade guiada por princípios eternos, que não davam espaço para a individualidade de opiniões. O espartano era homem de ação, não de palavras, e suas ações atendiam a uma lógica simples aceita por todos.

Na sua formação, eram preparados para poder matar sem piedade. Essa preparação era facilitada pela necessidade de repressão a rebeliões de hilotas. Em caso de rebelião, o que não era raro, havia uma grande chacina. Mesmo em tempos pacíficos, os hilotas tendiam a procriar em demasia e sua população tinha de ser mantida sob controle. Para isso, os espartanos praticavam anualmente a **cripteia**, a matança de hilotas, na qual os jovens guerreiros competiam pelo maior número de hilotas assassinados. A participação em cripteias era uma espécie de rito de passagem pelo qual todo jovem espartano teria de se submeter antes de completar 18 anos. O hilota que matasse um jovem espartano ganhava dois dias de folga, pois tinha livrado Esparta de um guerreiro inferior. Aos cerca de 25 anos, o espartano costumava casar-se, mas só podia morar com a esposa após os 30 anos. Todos os espartanos eram obrigados a se casar, mas a vida familiar era quase inexistente, tamanho o comprometimento do espartano com a guerra e as questões de governo.

Também as **meninas espartanas** recebiam treinamento atlético e militar, que se completava com a maioridade aos 19 ou 20 anos, mas voltavam para casa

após os treinamentos diários. Tornavam-se atléticas e musculosas e para revelar o vigor do seu físico exibiam-se nuas em público. Como os meninos e rapazes, participavam nuas das competições esportivas e rituais religiosos. Sua formação era em um sentido mais ampla do que a dos meninos, pois aprendiam música, dança e poética. Isso era importante, pois, uma vez que os maridos estavam sempre empenhados em guerras ou treinamentos, encarregavam-se sozinhas da formação dos filhos até os 7 anos e das filhas até a maioridade. Podiam casar-se ao completar a maioridade, mas para obter permissão para as bodas eram submetidas a testes, cujo caráter é matéria de dúvidas e controvérsias. O objetivo dos testes era a verificação da sua capacidade de serem boas mães e principalmente gerar bons guerreiros. Quando necessário, participavam das batalhas, geralmente como arqueiras.

Comparativamente às mulheres de toda a antiguidade, as mulheres espartanas tinham mais direitos civis e participavam muito mais da vida pública. Na prática, eram os chefes da família. Podiam herdar e possuir bens e manter a posse de terras. Com tal status relativamente elevado, liberavam os maridos e filhos para a dedicação integral à vida de guerreiro. Dentre as muitas lendas que encontramos sobre Esparta, há um diálogo entre uma mulher ateniense e **Gorgo**, esposa do Rei Leônidas I. Por que as mulheres espartanas mandam nos homens, teria perguntado a ateniense, a quem Gorgo responde: por que somos nós que geramos os homens. Segundo alguns comentaristas da época, as espartanas tinham vida sexual promíscua e praticavam sexo com terceiros quando seus maridos estavam ausentes, o que afinal de contas era muito frequente. Os guerreiros, é sabido, organizavam-se em pares que lutavam e dormiam juntos, praticando sexo entre si rotineiramente. Os laços estreitos criados por tal união geravam solidariedade e fortalecia o exército.

Para manter o padrão ariano de raça perfeita, os espartanos praticavam **eugenia** em larga escala. Quando uma criança nascia, era examinada por um grupo de anciãos. Caso não tivesse corpo robusto e bem proporcionado, ou exibisse alguma evidência de deficiência mental, era jogada em um precipício. Não se sabe ao certo se esse infanticídio só era aplicado a meninos ou se meninas também passavam pelo mesmo crivo seletivo. Mas, mesmo que a seleção fosse aplicada só ao sexo masculino, o resultado atingiria toda a população, tanto masculina quanto feminina. O fato é que as mulheres espartanas eram famosas pela sua beleza, para o que também contribuía o corpo musculoso de linhas bem definidas, resultante dos exercícios físicos. **Helena de Troia**, que na verdade era Helena de Esparta, esposa do rei Menelau, era a “mulher mais bela do mundo”.

Os espartanos eram muito xenófobos. Visitantes eram raros e vistos com desconfiança, pois sempre havia a possibilidade de serem espiões. Tinham uma vida muito frugal, daí o termo espartano empregado para descrever frugalidade. Sua alimentação era programada para gerar corpos saudáveis.

O estado espartano dominava inteiramente a vida das pessoas. No fundo, tudo lhe pertencia, inclusive elas. Embora só fornecesse treinamento militar ao espartano, quando necessário usava nas batalhas grandes massas de hilotas organizados em falanges. Sem treinamento nem a posse de armamentos adequados, esses guerreiros improvisados eram alvos fáceis para os inimigos e morriam em grande profusão. Além de lutar e morrer, os hilotas eram mulas de carga nas missões guerreiras.

A religião e oculto dos mitos eram práticas intensas em Esparta, como é comum em todas as formas de fascismo. Fala-se na existência de mais de cinquenta templos na cidade dedicados a homenagens a deuses e a mitos. Os festivais religiosos eram singularmente frequentes,.e neles havia muita dança e competições esportivas.

Os registros sobre Esparta, metade história, metade lenda, despertam intenso interesse em historiadores, artistas e políticos. Nos movimentos feministas, a mulher espartana é tema frequente. O controle monolítico do Estado sobre a sociedade inspirou fortemente o **fascismo moderno**.